

## AS RESSIGNIFICAÇÕES DA ARTE DE CONTAR HISTÓRIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Luciene Freitas Mota<sup>1</sup>  
Silvana Regina Echer<sup>2</sup>  
Maria Helena Bonilla<sup>3</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva discutir como a arte de contar histórias converge e ressignifica-se no ciberespaço. O estudo foi desenvolvido com a pesquisa bibliográfica sobre os eixos teóricos: contação de histórias, contador contemporâneo de histórias e ciberespaço, bem como através da análise de dois vídeos de contadores de histórias em canais do *Youtube*. O resultado desse estudo teórico, juntamente com a análise dos vídeos, levou-nos a inferir que a arte de contar história no ciberespaço constitui-se com uma linguagem e ferramentas próprias do contexto digital, mas sem perder o tripé: texto, corpo e voz, elementos fundamentais do contador de histórias.

**Palavras-chave:** Contação de Histórias. Tradição. Contemporaneidade. Ciberespaço.

**RESUMEN:** Este artículo objetiva discutir cómo el arte de contar historias converge y se replantea en el ciberespacio. El estudio fue hecho con una investigación bibliográfica sobre los ejes teóricos: narración historias, narrador contemporáneo de historias y ciberespacio, además del análisis de dos vídeos de narradores de historias en los canales del Youtube. El estudio teórico sumado al análisis de los videos nos llevó a inferir que el arte de contar historia en el ciberespacio se constituye con un lenguaje y las herramientas propias del contexto digital, pero sin perder el trípode, texto, cuerpo y voz, elementos fundamentales del narrador de historias.

**Palabras-clave:** Narración Historias. Tradición. Contemporaneidad. Ciberespacio.

### Introdução

A arte de contar histórias nasce na tradição oral. O acolhimento do sentar em roda, o contato presencial, a troca de olhar do contador com o ouvinte são elementos que foram constituindo esta arte. Entretanto, as sociedades foram se modificando. A luz elétrica trouxe consigo outras tecnologias e possibilidades de entretenimento familiar. Aos poucos, mesmo as comunidades mais distantes foram tendo acesso ao rádio e à televisão, que deram uma nova roupagem e outras formas de se ver e ouvir as narrativas.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA – E-mail: [lucieneaec@gmail.com](mailto:lucieneaec@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Bahia, UFBA – E-mail: [silnoor@gmail.com](mailto:silnoor@gmail.com)

<sup>3</sup> Professora doutora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, UFBA – E-mail: [bonillabr@gmail.com](mailto:bonillabr@gmail.com)

Hoje nos encontramos na chamada era digital, na cibercultura, dentro de um contexto maior, denominado de contemporaneidade. A arte de contar história não desapareceu nesse contexto, ao contrário, reafirma-se a cada dia, inovando-se e adentrando outros espaços.

Muitos contadores de histórias desenvolvem trabalhos específicos para as mídias digitais e para o ciberespaço. Estes profissionais entendem a dinâmica contemporânea e não querem que sua arte passe despercebida ao olhar das comunidades conectadas em rede. Em vista disso, buscamos compreender como a arte de contar histórias converge e se ressignifica no ciberespaço. Para tanto, vamos analisar dois vídeos de contadores de histórias no *youtube* para observar as especificidades da performance criada neste ambiente. Os vídeos escolhidos foram os dos contadores de história Carol Levy e Danilo Furlan. Estes foram selecionados por terem sido criados especificamente para o espaço digital, ou seja, não são meras representações de contação de histórias num contexto presencial e, portanto, neles, podemos identificar as especificidades dessa prática em rede.

## **1 A tradição de contar histórias**

A tradição oral é a transmissão do conhecimento de um povo pela via da oralidade, pelo “boca a boca”. Esse conhecimento ou sabedoria popular integra os costumes dos povos, como música, dança, contos populares, lendas, mitos e demais textos guardados na memória do povo. “Também são conhecidos como patrimônio oral ou patrimônio imaterial. Através deles cada povo marca sua diferença e encontra-se com as suas raízes, isto é, revela e assume a sua identidade cultural” (PARAFITA, 2005, p. 30). Segundo Vansina (2010), “A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas.” (VANSINA, 2010, p. 141).

Com essa tradição surgiram os contadores de histórias, artistas que manuseiam a arte, sem idade, de contar histórias. Esses aprendem a arte de narrar por meio da observação e do convívio com os mais velhos. A eles chamamos de contadores tradicionais, pois sua formação é construída na tradição oral. As histórias que contam não foram aprendidas em livros, chegaram até eles pela escuta e pela voz dos seus antepassados.

De acordo com Carvalho (2010), são exemplos de contadores tradicionais: os Griots, da África Ocidental, para os quais as histórias têm grande importância na organização das suas comunidades, tendo uma forte função social de memória e transmissão de conhecimento; e os

contadores de “causos” nas comunidades do interior do Brasil, os quais mesclam acontecimentos da vida, dita real, com a ficção. Nos “causos” não existe um famoso “era uma vez”, o que se conta aconteceu “de verdade” com alguém muito próximo ao contador ou a ele mesmo.

O principal repertório do contador de histórias são os contos tradicionais, que atravessam culturas e gerações pela oralidade (MACHADO, 2004, p. 13). A oralidade é o meio de transmissão dos contos, que vão se adaptando de acordo com as regiões em que chegam. “Como aves migratórias, e de tanto viajar na ‘palavra’ dos contadores de histórias, os contos populares vão construindo seus ninhos também no imaginário das gentes de terras distantes” (MATOS, 2009, p. 60). Assim, a oralidade permitiu que os contos se espalhassem por todo o mundo numa época que nem se sonhava com o advento da imprensa.

O contador tradicional, aquele que aprendeu a contar ouvindo os mais velhos, visto como alguém que carrega a sabedoria nas palavras, já não encontramos com facilidade, como mostra, por exemplo, Benjamin (2008), em 1985, quando já se perguntava onde se encontrava este contador:

Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração, quem é ajudado hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, se quer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (BENJAMIN, 2008, p. 114)

Matos (2005) também traz um estudo sobre o desaparecimento dos narradores tradicionais. Ela aponta que, na América do Sul, por exemplo, esse cessar começou nos grandes centros, até alcançar a zona rural, com a chegada da televisão.

Na América do Sul, a partir do século XX o desaparecimento dos contadores se mostrou mais efetivo nos grandes centros urbanos, processo que demorou bem mais para acontecer no interior. Porém, com a chegada da televisão aos lugares mais distantes, no fim dos anos 1960, aos poucos o interior também sucumbiu ao progresso dos tempos. (MATOS, 2005, p. 97)

Se, por um lado, a imagem do contador tradicional está desaparecendo, por outro, se observa o surgimento de um novo contador. Estes, segundo Matos, “Não receberam a sua ‘palavra’ como herança, não beberam da fonte da experiência coletiva.” (MATOS, 2005, p. 101). Esses contadores criam seu repertório através dos livros (ARAPIRACA et. al, 2010). Ou seja, eles buscam as

histórias nos livros de compilação de contos, e os devolvem à oralidade. O novo contador busca sua inspiração na tradição, mas constrói e refaz a arte de contar nos espaços contemporâneos.

## **2 Percursos e andanças que constitui o contador de histórias contemporâneo**

O contador de histórias resiste aos tempos. É arte viva, pulsante, persistente de um povo, de sua sensibilidade e desenvolvimento. Entretanto, a arte milenar de contar histórias compartilha e soma espaço com o advento da contemporaneidade, que impõe novas formas de acesso ao conhecimento, para além da palavra.

No final do século XX, segundo Hall (2005), “As sociedades sofrem uma mudança estrutural que se irradia nas transformações das ‘paisagens culturais’, antes sólidas e estáveis, como o gênero, a sexualidade, a etnia, a raça e a nacionalidade” (HALL, 2005, p. 28). Tais transformações geram uma infinidade de interações e de interferências, influenciando a formação cultural das pessoas que, divididas entre os velhos e novos padrões, formam a complexidade desta sociedade. Desse modo, indivíduos, com suas particularidades, somam-se, criando o todo, como explicita Morin (2003):

Uma sociedade é mais que um contexto: é o todo organizador que fazemos parte. O todo tem qualidades ou propriedades que não são encontradas nas partes, se estas estiverem isoladas umas das outras, e certas qualidades ou propriedades das partes podem ser inibidas pelas restrições provenientes do todo. (MORIN, 2003 p. 37)

Bauman (2001) usa a fluidez das soluções líquidas para exemplificar os processos que são construídos na sociedade moderna. Os líquidos não mantêm uma forma, ou seja, eles não fixam o espaço nem prendem o tempo, moldam-se facilmente, diferentes dos sólidos, que são rígidos e precisam sofrer uma tensão de forças para moldarem-se a novas formas.

A modernidade é o conjunto de relações e instituições, além de sua lógica de operações, que se impõe e que dá base para a contemporaneidade. É uma época de liquidez, de fluidez, de volatilidade, de incerteza e de insegurança. É nesta época que toda a solidez e todos os referenciais morais da época anterior são retirados de palco para dar espaço à lógica do agora, do consumo, do gozo e da artificialidade. Conceitos como longe, tarde, perto, cedo significavam coisas totalmente diferentes no passado do que significam hoje, pois atualmente tempo e espaço são mutáveis e dinâmicos e não predeterminados ou estagnados.

“A modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo: a modernidade é o tempo em que o tempo tem uma história” (BAUMAN, 2001). É uma relação que emerge em um conjunto de instituições, regras, lutas e sistemas simbólico, político e econômico definidos em uma estrutura social particular. Hall (2005, p. 46) reforça que “[...] a interdependência global está levando ao colapso de todas as identidades culturais fortes, através do bombardeamento da infiltração cultural e que está havendo a homogeneização das identidades nacionais”.

Essa homogeneização dá-se de forma desigual, através de uma “geometria de poder”, na qual a “ocidentalização” tem se alastrado sobre os países periféricos, de forma que os países centrais definem os padrões e ditam os modelos que são seguidos pelo “resto”. Assim, pode existir um fortalecimento de identidades locais como reação defensiva aos grupos étnicos dominantes ou a produção de novas identidades, o que comumente tem se verificado.

A globalização traz um instigante debate sobre o novo interesse pelo local e a nova articulação entre o global e o local, uma verdadeira dialética das identidades: entre novas identidades globais e novas identidades locais. Hall (2005) defende que

a globalização tem um efeito contestador e deslocador das identidades centradas e fechadas de uma cultura nacional. Esse efeito verdadeiramente pluralizante altera as identidades fixas, tornando-as menos fixas, plurais, mais políticas e diversas. (HALL, 2005, p. 48)

De acordo com o autor, esse movimento da globalização pode produzir dois efeitos: o da “Tradição”, quando as nações tentam “recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas” e a “Tradução” quando as nações “aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença” (HALL, 2005, p. 87). Assim, as nações estariam gravitando entre manter (a tradição) e transformar (a tradução), o que afeta diretamente as novas (ou velhas) formas de identidade cultural. É nesse movimento/deslocamento que emerge a concepção de culturas híbridas (entre a tradição e a tradução) como um dos diversos tipos de identidades destes tempos de contemporaneidade. Segundo Canclini (2000), cultura híbrida é:

A junção de diferentes matrizes culturais. O hibridismo cultural remete a compreensão de acabar com a dualidade constituída a partir de disciplinas segmentadas, para entender um processo único, já que extinguiu as fronteiras entre massivo, o popular e o culto. É caracterizado pela instantaneidade das trocas de informação possibilitadas pela intensificação da globalização e a propagação em escala global dos meios de comunicação de massa. (CANCLINI, 2000, p. 15)

É nesta sociedade, com relações complexas e mutáveis, que surge o contador de histórias contemporâneo. Aos poucos, este vai construindo sua identidade, ou melhor, suas identidades, pois segundo Hall (2005) vivemos o período da fragmentação identitária. Assim, não se pode falar de um único modo de contar histórias. O mesmo contador de histórias irá mudar sua *performance* de acordo com o contexto. O novo contador, apesar de todo o respeito e reconhecimento ao contador tradicional, tem a necessidade de reinventar-se, ele não copia uma arte, mas a recria dia após dia.

Bussato (2003, p. 80) diz que o novo contador, chamado por ela de contador urbano, começa a aparecer aos poucos, “Ainda confuso com o significado de contar histórias, para quem contar e para quem contar. É um movimento saudável, pois urge a retomar a arte da oralidade”

O contador contemporâneo é antes de tudo um leitor, sua relação com a escrita é muito forte. Assim, contar histórias na atualidade “[...] exige uma passagem pelo texto antes de viver no ato de contar. O contador contemporâneo, oriundo de diferentes meios sociais, políticos e estéticos, conhece as novas práticas culturais. Ele é um leitor, antes de ser um intérprete” (PATRINI, 2005, p. 149).

É por meio dos livros que o contador de histórias contemporâneo constrói seu repertório. Os contos tradicionais são ainda os favoritos do contador, e estes estão compilados por grandes pesquisadores da cultura popular, como Cascudo, aqui no Brasil, e os irmãos Grimm, na Alemanha.

Os cursos de formação e oficinas livres são outras características do movimento contemporâneo da arte narrativa. Nesses espaços busca-se aprimorar a performance do narrador, ensinando-o a trabalhar com a voz, o corpo e o texto, ou seja, o tripé do contador de histórias (SISTO, 2007).

O contador de histórias precisa estar sempre buscando formas de aperfeiçoar sua prática. De acordo com Sisto (2007), o contador não pode nunca ser um repetidor mecânico do texto que escolhe contar; para se garantir uma narração viva, não podem faltar elementos como originalidade, surpresa e conflitos instigantes. Essa necessidade do contador de aperfeiçoar sua prática surge atrelada à profissionalização do contador de histórias.

A profissionalização é uma característica própria do contador contemporâneo, pois, segundo Nkama (2012), nas comunidades africanas, nas quais contar história ainda é uma prática tradicional, não se recebe uma recompensa para contá-las, até porque, nessas comunidades todos são capazes de contar uma boa história.

[...] Todos os participantes tinham a obrigação de contar uma história. O princípio era muito simples: aquele que sabe ouvir uma história deve saber também contar uma outra história. Nessas noites, o menino e a menina aprendem não só a contar contos, mas também adquirem competências básicas de expressão oral e de comunicação. [...] por isso, minha família se espantou ao descobrir que contar histórias se havia tornado meu objetivo de vida. Por exemplo, meu pai me disse uma vez que os brancos são loucos porque me pagam para contar histórias. (NAKMA, 2012, p. 250)

Desse modo, é na contemporaneidade que a contação de histórias aos poucos sai da informalidade para tornar-se uma profissão. Fleck (2007) traz um estudo sobre a profissionalização do contador de histórias no Brasil. A autora mostra os percursos e a luta do contador de história para constituir-se enquanto profissional. O contador não quer ser visto simplesmente como uma pessoa que nas horas vagas gosta de contar histórias. Ele quer ser reconhecido como alguém que apropriou-se da arte narrativa como modo de vida e meio de sustentação. A busca pela profissionalização levou o contador de histórias a ampliar seu campo de atuação. Tal busca o fez chegar também ao ciberespaço.

### **3 Arte de contar histórias no ciberespaço**

Na sociedade contemporânea ocorreram importantes alterações sócio-culturais e políticas que atingiram as principais mídias em decorrência da evolução dos meios de comunicação e informação. Esse fenômeno ocorreu principalmente com o surgimento dos microcomputadores, da informática e com a convergência midiática entre as novas tecnologias de base microeletrônica e as telecomunicações, constituindo uma nova cultura tecnológica planetária: a cibercultura.

Lemos (2015) aponta que a cibercultura é a manifestação da vitalidade social contemporânea. “É a cultura que estamos imersos hoje, onde praticamente todos os processos sociais, do trabalho, do lazer e na educação são mediados por dispositivos eletrônicos digitais” (LEMOS, 2015, p. 23). Os homens, mediados pelos computadores e pela tecnologia, passam a criar conexões e relacionamentos capazes de fundar um espaço de sociabilidade virtual, chamado de ciberespaço.

Lévy (2000) define ciberespaço como sendo um “espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (LEVY, 2000, p. 92). O surgimento da Internet como uma rede mundial de computadores interligados criou esse novo espaço para a expressão, conhecimento e comunicação humana, composto por cada usuário e computador conectados na rede, com ou sem fio. A rede é, antes de tudo, um instrumento de

comunicação entre indivíduos, um espaço virtual no qual há um compartilhamento quase instantâneo de ideias, conhecimentos e habilidades, pois

O ciberespaço envolve alterações profundas na nossa maneira de pensar, de dar sentido ao mundo, de nos relacionarmos uns com os outros e de organizar a sociedade, ou seja, uma nova abordagem do conhecimento. Ao constituir-se em um novo espaço de sociabilidade, acaba gerando novas formas de relações sociais com códigos e estruturas próprias. (LEVY, 2000, p. 16)

O ciberespaço constitui-se em um ambiente que nos permite inúmeras possibilidades, onde as pessoas de todo planeta podem interagir sem estarem, de fato, presentes. É um novo espaço de comunicação, representação, interação que provoca importantes transformações na produção de conhecimento, de valores, nos conceitos éticos, morais e nas relações humanas. Atualmente, a velocidade com a qual se pode produzir e distribuir informação a partir de diversos formatos, como o envio de vídeos, músicas, fotos e textos pela internet, tem gerado reconfigurações nas áreas da vida social, política, comercial e de lazer, entre outras.

A arte de contar histórias também vem ganhando novos formatos, graças à evolução tecnológica, visto que novos ambientes, novas linguagens foram sendo acrescentados às narrativas. No contexto atual, no qual ocorre a convergência tecnológica, uma mesma narrativa pode materializar-se em diferentes suportes: livro tradicional ou e-book, DVD-ROM, CD-ROM, *podcast* (arquivo de áudio digital, frequentemente em formato mp3, publicado na internet), em versões cinematográficas, em games, videoclipes no *YouTube*, páginas no *Facebook* e *blogs* de fans.

Contar histórias no ciberespaço é compreender que vivemos na era das conexões na qual nos comunicamos em grandes redes digitais. A maioria das crianças, primoroso público dos contadores de histórias, já nasce inserida nas linguagens digitais. Assim, de acordo com Schermack (2012), a arte de contar histórias na era digital:

Implica uma mudança nas perspectivas de aprendizagem, pois há que considerar que, desde o início do século XXI, crianças e jovens encontram-se envolvidos num imaginário construído pelas novas tecnologias, cujas produções culturais chegam até eles através do computador: Internet, DVDROM, CD-ROM (com livros de imagem e histórias narradas), entre outras. (SCHERMACK, 2012, p. 08)

Serres (2013) diz que ao propormos ensinar alguma coisa temos que, no mínimo, conhecer nosso público. Nós o parafraseamos ao afirmar que o contador de história, também, precisa conhecer o seu público e, para, além disso, procurar maneiras de atraí-lo. É exatamente com o



objetivo de aproximar os contos desse novo público que, segundo Schermack (2012), surge o “cibercontador”:

Nesse momento, vamos nos ater aos cibercontadores de história, que incorporando os recursos disponibilizados pelas novas tecnologias de entretenimento, narram, a viva voz, histórias para um grupo de pessoas, transmitindo-lhes diversão, emoção e conhecimento; utilizam em sua performance, som, imagem e a própria voz para dar vida ao texto na tela do computador (SCHERMACK, 2012, p. 12)

“Cibercontador” é um termo usado pelo referido autor para designar aquele contador de histórias que se aperfeiçoa para contar no ciberespaço. Esse não é um termo recorrente na literatura sobre a temática, pois contar história no ciberespaço é um fenômeno recente e os “cibercontadores” são também contadores de histórias do espaço presencial.

Cientes desse novo movimento de contar histórias, analisamos dois vídeos de contadores de histórias no *Youtube*. Este ambiente é uma ferramenta que permite postar e compartilhar vídeos digitais que vão desde grandes produções às mais simples.

Classificada pela Google como uma plataforma de distribuição de conteúdos (Youtube, 2012), ela oportuniza, a um número incontável de usuários, descobrir, ver e compartilhar vídeos, caseiros ou profissionais, criados com originalidade ou modificados numa abordagem alternativa. No ciclo de vida da internet, tal plataforma não pode ser classificada como recente, por ter sido fundada em fevereiro de 2005, nem tão pouco demonstra evidências de ter atingido seu apogeu para iniciar uma fase de declínio. (SCHNEIDER et. al, 2012, p. 2)

Os vídeos escolhidos foram os dos contadores de história Carol Levy e Danilo Furlan. Vale ressaltar que foram selecionados por terem sido feitos para o espaço digital, portanto, neles podemos identificar as especificidades dessa prática em rede e também pelo sucesso que obtiveram, a julgar pelo número de acessos. Ambos os vídeos são simples e não apresentam grandes investimentos com equipe e equipamentos, mas demonstram uma preocupação perceptível com a qualidade do resultado final. Os vídeos foram analisados no dia 09 de setembro de 2015, sendo que o primeiro vídeo possuía 85.060 visualizações, 12 comentários, 207 *likes* e 19 não *likes* e o segundo vídeo possuía 2.336 visualizações, 05 *likes* e nenhum comentário ou nem não *likes*.

Carol Levy é de Recife/PE, contadora de história, formada em música e comunicação. Possui dois projetos disponíveis em CD e DVD nos quais mescla músicas com histórias. São eles: “Contarola” (2013) e “Cantabicho” (2015), além dos vídeos que a contadora disponibiliza no seu canal no *youtube*. O vídeo que escolhemos para analisar conta a história “Terezinha Gabriela”, da

autora Ruth Rocha, que narra as peripécias de duas meninas, de comportamentos diferentes, mas que vão descobrir a admiração e a amizade uma pela outra. Levy utiliza um cenário simples e duas bonecas para representar os personagens Terezinha e Gabriela. Sua interpretação busca se manter próxima ao texto escrito e a performance representa a história completa com 7:53 minutos de duração.

Danilo Furlan é de Maringá/PR, contador de histórias e pedagogo. O vídeo que selecionamos para análise narra a história “O rei bigodeira e a sua banheira”, obra da americana Audrey Wood. A narrativa é acumulativa e engraçada. Conta a história de um rei que, uma certa feita, resolve ficar em sua banheira, o dia inteiro, e lá executar todas as suas tarefas: guerrear, almoçar, pescar e, até mesmo, festejar. Todos no reino ficam surpresos com esta sua atitude, mas ninguém consegue fazê-lo mudar de ideia. Furlan, nessa performance, utiliza uma banheira como cenário fixo e máscaras para representar os personagens da narrativa, adapta o texto escrito para a oralidade, com uma interpretação próximo ao texto original, entretanto, a performance não representa a história completa, pois o contador opta por cortá-la mais ou menos pela metade. O vídeo tem duração de 3:43 minutos.

Durante a análise foram observados tanto aspectos gerais exigidos a um contador de histórias, quanto tentamos delinear algumas características específicas da contação de história no ciberespaço. São tentativas, pois não há estudos anteriores que definam essas características quando se trata do cibercontador de histórias. A análise realizou-se a partir do tripé fundante do contador de histórias, independente do seu espaço de atuação, a saber: texto, corpo e voz (SISTO, 2004).

O texto, ou seja, a narrativa escolhida para ser contada, deve ser assimilada e apropriada pelo narrador (MATOS, 2005). Apenas dessa forma ele poderá transmiti-la de forma fluida, sem os tropeços da artificialidade. Os contadores de histórias dos dois canais analisados mostraram essa intimidade com o texto, pois observamos a desenvoltura com que narram, sem perder os fios que costuram o enredo. Os contadores, nos dois vídeos, usam objetos na construção da *performance*, façanha que só é possível quando o narrador domina bem o texto, caso contrário, corre-se o risco de tais objetos sobreporem o próprio texto. Por outro lado, a inserção de objetos no contexto digital serve como uma ferramenta a mais para segurar a atenção do ouvinte, que pode desistir de acompanhar a narrativa no momento que quiser.

Uma vez que o texto está devidamente assimilado na memória do narrador, ele é capaz de interpretá-lo também com o corpo. Os movimentos, as expressões faciais e o direcionamento do olhar vão compondo as cores e a intensidade da narrativa. Ao contar no ciberespaço é necessário

equilibrar expressões fortes com movimentos sutis, possíveis de serem captados pelas lentes de uma câmera, e esta preocupação ficou clara nos dois vídeos.

Indissociável do corpo está a voz, e dela exige-se clareza e boa entonação, a qual, junto com o corpo, dará vida à narrativa. É na voz que controlamos o ritmo e a melodia da história. Contar no ciberespaço exige do contador maior controle de voz, pois se no espaço presencial ele tenta evitar interrupções ou variação no volume, no ciberespaço ele não pode cometer estas falhas, uma vez que no vídeo exige-se uma linguagem mais cuidada e trabalhada. Um simples deslize na voz, que numa contação ao vivo passaria despercebida, terá proporções maiores no espaço digital. As performances analisadas conseguiram demonstrar segurança e controle vocal.

Para além do tripé texto, corpo e voz analisado, Sisto (2004) acrescenta que há certos cuidados indispensáveis que envolvem o ato de contar histórias, como a escolha do espaço e o tempo da narrativa. No ciberespaço, a preocupação do contador com a escolha do espaço deve incluir o cenário, a iluminação e os limites do alcance da câmera. No que se refere ao tempo, ele precisa cuidar para que a *performance* narrativa não seja muito longa, pois isso pode ser o suficiente para o “ciberouvinte” mudar de *link* ou simplesmente desistir de assistir o vídeo. Todos esses cuidados estiveram presentes nos dois canais analisados.

Outro elemento da contação de histórias que não pode passar despercebido é a relação narrador - história - ouvinte, pois “Este último, por sua vez, mesmo que não efetive um diálogo de fato com o narrador, interage com a história através de suas emoções expressadas, de seus olhares e da sua atenção” (MORAES, 2012, p. 15). Se na contação de história presencial o ouvinte comunica-se com o contador através de um gesto ou de uma simples troca de olhar, no digital dá-se por “*like*” e comentários escritos sobre a performance, como foi possível observar nos vídeos analisados.

### **Algumas palavras conclusivas**

Com base na análise dos vídeos e nos referenciais teóricos sobre a arte de contar história, contemporaneidade e ciberespaço, podemos voltar à questão que norteou este artigo: como a arte de contar histórias converge e ressignifica-se no ciberespaço. Tal arte aproxima o tradicional e o contemporâneo na medida em que os contadores de história possuem como principal fonte os contadores tradicionais e os contos de tradição oral, mas não temem reinventá-los com as ferramentas que o contemporâneo lhes oferece.

Os contadores de história dos canais analisados preocuparam-se com o cenário, a iluminação e o som, elementos indispensáveis para compor a linguagem sintética do vídeo, a qual articula imagens, sons, falas e textos, criando uma superposição de códigos e significações predominantemente audiovisuais (MORAN, 2012), elementos próprios do espaço digital. Assim, podemos inferir que a arte de contar história neste contexto não é igual ao que foi em outras épocas e nem é a mesma que se apresenta no espaço presencial. A arte de contar história no ciberespaço constitui-se com uma linguagem e ferramentas próprias, do contexto digital, mas sem perder o tripé: texto, corpo e voz.

O contador de histórias, quando conta no ciberespaço, oportuniza que um número maior de pessoas tenha acesso à arte narrativa, aos contos da tradição oral e aos mais diversos tipos de histórias que vão compondo nossa época. Dessa forma, a arte milenar de contar histórias, além dos espaços que sempre ocupou, como o seio familiar, as praças públicas e espaços escolares, ressignifica-se em meio às novas tecnologias e às novas formas de apresentar as narrativas, como filmes, novelas e animações que são propagadas através das telas da televisão, do computador, do celular e do *tablet*. Portanto, é inegável a importância da performance contagiante de um contador de histórias no ciberespaço, pois com um “*click*”, uma quantidade enorme de pessoas pode usufruir dessa experiência lúdica que promove a emoção, o conhecimento e a diversão, mediante o estímulo à imaginação e à ampliação do universo simbólico, contribuindo, efetivamente, para o gosto pela leitura e a compreensão de seus próprios sentimentos.

## REFERÊNCIAS

- ARAPIRACA, M; SANTOS, L.; RIBEIRO, K. **Contação de histórias em contexto de EAD**. 2010. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IICILLIJ/6/TEXTOCOMPLETOIIEILLIJv3.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENJAMIN, Walter. O **narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**: magia e técnica, arte e política. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 197-221.
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar**: pequenos segredos da narrativa. Petrópolis: Vozes, 2003.

CANCLINI, Nestor García. **Culturas híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2000.

CARVALHO, F.R.S. **O contador de histórias e a bricolagem**. Rio de Janeiro. 2010. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/pesqcenicas/article/viewFile/722/662>>. Acesso em: 01 jul. 2015.

CASCUDO, L. da C. **Contos tradicionais do Brasil**. São Paulo: Global, 2004.

FLECK, Felícia de Oliveira. **O contador de histórias: uma nova profissão?** Biblioteca (UFSC), v. 23, 2007. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

FURLAN, Danilo. **O rei bigodeira e sua banheira**. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NPCGY4EUOz4>>. Acesso em: 9 set. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guaraciara Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LE MOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 7. ed. Porto Alegre, 2015.

LEVY, Carol. **Terezinha e Gabriela**. <Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l01818UXVyk>>. Acesso em: 9 set. 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2000.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MATOS, Gislayne A. **A palavra do contador de histórias: sua dimensão educativa na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2005.

MATOS, Gislayne A; SORSY, Inn. **O ofício do contador de histórias: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

NKAMA Boniface Ofogo. A arte de contar histórias na África: entre o mito, a ponte e a realidade A formação do contador de histórias na África. In: MORAES, F.; GOMES, L. (Orgs.). **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares**. São Paulo: Cortez, 2012. p. 247-266.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras**. São Paulo: Vozes, 2012.

MORAN, José Manuel. **O vídeo na Sala de Aula**. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/prof/moran/vidsal.htm#comover>>. Acesso em: 11 maio 2012.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

- PARAFITA, Alexandre. **Histórias de arte e manhas**. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- PATRINI, M. de L. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.
- SCHERMACK, Keila de Quadros. **A contação de histórias como arte performática na era digital**: convivência em mundos de encantamento.  
Disponível em:  
<[http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilasc\\_hermack.pdf](http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/IIICILLIJ/Trabalhos/Trabalhos/S10/keilasc_hermack.pdf)>. Acesso em: 9 set. 2015.
- SCHNEIDER, Catiúcia Klug; CAETANO Lélia; RIBEIRO, Luis Otoni Meireles. **Análise de vídeos educacionais no youtube**: caracteres e legibilidade. Disponível em:  
<<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/30816>>. Acesso em: 9 set. 2015.
- SERRES, M. **A polegazinha**: uma nova forma de viver em harmonia e pensar as instituições, de ser e de saber. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- SISTO, Celso. **O misterioso momento**: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (Org.). Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.
- \_\_\_\_\_. Contar histórias, uma arte maior. In: MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes; MORAES, Taiza Mara Rauen (Orgs.). **Memorial do Proler**: Joinville e resumos do Seminário de Estudos da Linguagem. Joinville, UNIVILLE, 2007. p. 39-41.
- \_\_\_\_\_. **O misterioso momento**: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê). In: GIRARDELO, Gilka (Org.). Baús e chaves da narração de histórias. Florianópolis: SESC-SC, 2004. p. 82-93.
- VANSINA, Jan. **A Tradição oral e sua metodologia**. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. Brasília:UNESCO, 2010.

[Recebido: 05 fev. 2016 – Aceito: 13 maio 2016]